O PODER DO ESPAÇO POLÍTICO

Dimitri Roussopoulos

Antes de entrar própriamente na minha comunicação, gostaria de, em primeiro lugar, fazer uma observação: lembrar a todos alguns factos: Os trabalhos de M. Bookchin não estão disponíveis de forma igualitária em muitas línguas. "The Ecology of Freedom e outros, trabalhos filosóficos importantes têm ainda que aparecer em Espanhol, Francês, Português, Grego ou mesmo em algumas línguas Escandinavas e Eslavas. "Urbanization Without Cities" e outros importantes trabalhos politicos têm ainda de aparecer em Espanhol, Francês, Português, Grego, Italiano e em línguas Escandinavas e Eslavas para já não falar de tantas outras. O novo livro de Janet Biehl "The;Politics of Social Ecology" foi publicado em inglês há precisamente um ano, a edição francesa surgiu esta semana justamente para esta Conferência - assim como as edições espanhola e alemã. Uma edição portuguesa_ está a ser preparada e supõe-se que estão a ser também preparadas uma edição italiana e outra norueguesa. Porquê lembrar tudo isto? Porque gostaria de lembrar' todos que procurassem entender que assistimos a esta conferência (e participamos nela) não apenas com diferentes preparações mas também com níveis diferentes de preparação intelectual relativamente ao municipalismo líbertário. Foi por essa razão, fundamentalmente, que o comité organizador internacional pediu á Janet Biehl que de certa forma "preenchesse" essa lacuna com a sua intervenção de fundo acerca do municipalismo libertário logo no primeiro plenário,; a fim de que, com a tradução portuguesa e espanhola em simultâneo, a maior parte de nós pudesse ficar, digamos assim, em pé de igualdade.

Para começar e importante reconhecer que a política da ecologia social - municipalismo libertário é um trabalho em construção, isto mesmo após a publicação do já - mencionado livro de Janet Biehl. Os princípios fundamentais do municipalismo libertário foram até aqui (agora) lucidamente apresentados num contexto claro e descomprometido. O desafio que hoje (agora) se nos coloca e saber se, partindo dos princípios fundamentais, uma filosofia política inteligível (compreendida) deve ser elaborada e testada nos municípios a fim de se passar da teoria á prática. É

necessária alguma perspectiva programática da teoria até ao objectivo pretendido e este objectivo é também para desenvolver no tempo e no aprefeiçoamento.

A ecologia social, na tradição do, anarco-comunismo, é e procura reforçar uma focagem no espaço, espaço local, cidade, vila, município, polis. Ao fazer isso, procuramos demonstrar que a criação do Estado - nação - é uma construção histórica enganadora, uma abstracção na evolução forçada ou processo de centralização do poder político e económico num aparato centrado no Estado. Os anarquistas opõem-se a esse processo desde sempre, chamando-lhe antinatural. Os anarco sindicalistas, centrando no espaço de trabalho as suas principais preocupações. Os anarco-comunistas frequentemente, mas nem sempre, centrados na comuna, uma área espacial e comunitária definida. A História, todavia, foi contrária a estas duas correntes do anarquismo, já que o Estado cresceu cada vez com mais poder ao longo do tempo. Nos últimos 25 anos, todavia, a maior parte dos Estados cresceram de uma forma mais fraca política e economicamente e a tradição histórica já mencionada foi (tem vindo a ser) alterada em alguns países e totalmente revertida noutros. Nos últimos 25 anos as forças do neo-liberalismo ou a globalização do mundo económico viu desaparecer as fronteiras mais importantes, tarifas (impostos) e as políticas protecionistas do estado-nação enfraquecem os governos centrais quer do ponto de vista económico quer político. Estes novos desenvolvimentos não significam que os poderes repressivos sono dos estados mais fracos caiam.' Governos nacionais, tal com governos regionais continuam a controlar armados, forças políticas, prisões e tribunais, apesar do crescimento da consciência dos direitos. humanos.

O resultado de tudo isto' e este mercado mundial através do reforço dos principais motores politico-económicos, as corporações transnacionais ou multinacionais e o seu respectivo contexto de auto-suporte são os instrumentos determinantes da mudança histórica, colocando assim económica e politicamente de' lado a maior parte das nações estado.

Todavia, o capitalismo mundial e a globalização precisam mais do que nunca de espaços geo-politicos seguros e paraísos. Esses espaços são necessários para dirigir e controlar operações a nível mundial bem como operações (hinterland) " hinterlândia". Este não e nem o tempo nem o espaço para apresentar uma análise acerca da natureza destes mecanismos de contrôlo, que são, no entanto, muito

interessantes de observar mais de perto. Tendo feito desaparecer do mundo muitas regiões nacionais protegidas, tendo criado um mercado mundial livre,; tendo desencadeado (unleased) um processo mundial de "globalização" que cresce cada dia sem contra-forças suficientemente fortes, parece não se prespectivar no horizonte hipótese de alterar este estado de coisas. Este processo ã. escala mundial é conduzido por, e terá como meta um mundo mono-cultural homogeneizado. A seu tempo todas as formas de diversidade significativa serão eliminadas na sociedade humana e na civilização, tal como no ambiente natural.

Paradoxalmente, no entanto, ao mesmo tempo, este novo mundo capitalista precisa de espaços particularmente seguros para comandar e operar. Esses espaços são as cidades, algumas cidades chave. Consequentemente (ou: daí que) 75 cidades no mundo foram identificadas no presente e no futuro como `cidades globais'. Estes são os nódulos do mundo capitalista nos anos vindouros, e assumirão uma maior, importância e significado do que muitos estados-nação.

Assim, estamos a começar uma época durante a qual um conjunto de espaços geopolíticos serão as bases a partir das quais as oitocentas e tal corporações transnacionais dominantes controlarão a economia mundial, uma. economia que será a primeira economia verdadeiramente integrada da história. A partir (através de) destes espaços económicos e geo-politicos o vasto (hinterland) de recursos do resto do planeta será dirigido e controlado. Mais do que um' centro imperial na história deste ou daquele império do passado, estas cidades globais estão ligadas por mercados financeiros, de stock e comodidade, estão também a tornar-se dados integrados e policentros de contrôlo mundial. Para além destas 75 cidades globais está também projectada outra constelação de cidades que desempenharão papéis auxiliares no mundo económico. O paradoxo é que estes espaços, geo-político-económicos são designados mais correctamente: concentrações altamente hurbanizadas e não cidades, tal como nós - ecologistas sociais consebemos as cidades. Todavia estes espaços são agora (e cada vez mais no futuro) os criadores da maior parte da (wealth) nó mundo de economia capitalista. Este desenvolvimento foi (evoluing) durante um longo período da história. A observação (constatação) que são as cidades e não as nações-estado enquanto tal que foram (têm sido) o motor económico importante de economias nacionais e internacionais encontram-se nos escritos de urbanistas como Lewis

Mumford e Jane Jacobs. Mas os seus estudos têm sido ignorados pela maior parte, da Esquerda. Essas análises e as de Saskia Sassan e Manuel Castells são parte de uma evidência crescente que conduz a nossa atenção para este facto e para as suas consequências.

Paralelamente ao reconhecimento deste' fenómeno, somops testemunhas do renascer do anarco-comunismo através da ecologia social cuja política é centrada no município. Como reacção apropriada ao mundo capitalista e à globalização, a dialética oposta tornou-se o municipalismo libertário. Aquilo (que observamos) de que estamos a ser testemunhas é uma convergência, uma convergência espacial duma força histórica mundial na forma de capitalismo global e, em oposição, uma força histórico-político filosófica mundial no sentido da ecologia social - municipalismo libertário. A questão é o que ira acontecer nessas cidades globais, como será o futuro determinado.

O significado destes comentários esquemáticos devem ser óbvios para um movimento ecologista social e nele baseados. Uma observação parece-nos óbvia: que é lógico assumir que o futuro político-económico mundial será determinado nas supra-cidades ou espaços, globais. Daí a importância (o significado) -das cidades (municípios) polis. O municipalismo libertário não é, portanto, uma utopia de que falam alguns revolucionários marginais mas, pelo contrário, uma politica que sobe à cena no momento histórico apropriado e como resposta às forças de destruição do planeta: Se existe um futuro, ele incluirá uma luta para transformar radicalmente estas cidades globais e sem satélites numa confederação de democracia directas (polis) dentro de um quadro de economia moral global. Este objectivo é prioritário para a nossa sobrevivência.

Acerca da Democracia Directa

A 2ª área de comentário diz respeito' a um aprofundar dos princípios essenciais da democracia directa municipal.

Para começar devemos ir às raízes do conceito de democracia e prática da maior parte das suas regras. Que minorias dissidentes possam continuar a advogar as

s/oposições com a esperança de obter uma maioria favorável no futuro. Para além dos universalmente reconhecidos direitos humanos e liberdades civis que devem basear-se na democracia directa, devem, existir áreas de administração onde a maioria não possa impôs-se por si só a uma minoria. Isto vem na linha do respeito pela tradição anarquista: a maioria pode decidir e actuar (pôr em prática as s/decisões) mas não pode, em certas circunstâncias, esperar que a minoria aceite isso. A minoria dissidente, com a s/liberdade de discurso e defesa, deve ter o direito de não seguir a decisão da maioria, em certas instâncias. Quais são essas instâncias?

Uma assembleia de cidadãos e uma instituição de tomada de decisões de indivíduos votantes. Nessas reuniões de cidadãos, digamos que um certo número de delegados são eleitos com mandatos claros da assembleia e enviados a uma reunião confederal em que estão presentes outros delegados, para decidirem acerca de assuntos que afectam a maior parte da comunidade. A maioria confederal toma uma decisão que é contrária ao mandato de um certo n° de delegados ou mesmo apenas de um. A questão acerca da qual decidiram pode, ou não, ser importante: isso não constitui um problema. O que acontece se a minoria discordar fortemente e queira mesmo demitirse?

Para falar acerca de assembleias de cidadãos sob a forma de democracia directa, devemos elaborar ou re-examinar muitos dos processos-chave de funcionamento tanto da, Grécia antiga como da história do anarquismo. A assembleia ou `*eclesia*' nas cidades gregas era composta, em Atenas por exemplo, por um `conselho dos 500' e por urna série de assembleias de mais ou menos, 140 `*demos*' (ver nota trad,) - qualquer coisa como as comunidades de vizinhança - provenientes de 1000 milhas quadradas (aproximadamente a área geográfica do Luxemburgo). Havia ainda os trinta `trítias' ou unidades que, finalmente, formavam as `dez tribos' (divididas em três zonas geopolíticas iguais: a cidade, o interior e a costa). Existia um sistema jurídico - o `Areópago' - que, gradualmente, se transformou num orgão menos poderoso do que quando foi criado - como um refúgio para a aristocracia detentora de grandes extensões de terra.

Existia um sistema de eleições baseado no sorteio, através do qual o Conselho dos 500 e os juizes eram eleitos. As excepções a esta eleição directa, eram os altos cargos militares e financeiros. Por volta do séc. IV a. c. a assembleia o mais pequeno

painel legislativo era eleita por sorteio, a fim de prevenir eventuais tomadas importantes de decisão sob efeito emocional (tinha acontecido mais do que uma vez no séc. V a. c.. A regra de voltar a chamar pessoas já anteriormente eleitas, delegados com mandatos estritos da assembleia, etc, etc, todos estes considerandos e muitos outros devem ser (fleshout) no conceito moderno de democracia directa e respectiva forma de funcionamento.

A chave para a democracia directa *é `sophrosyne'* (ver nota de) trad.).
Na rua ou num leito de morte, o grego antigo não era um piegas sentimentalão lavado em lágrimas quando presenteava a dor de outrem. O valor de enfrentar defeculdades e diversidades era antes pensado como um meio através do qual o indivíduo se expunha ao mundo, gradualmente, encontrando ou tentando encontrar e manter um equilíbrio *sophrosyne ,* que pode ser traduzido como postura de equilíbrio, seria hoje interpretado como um indivíduo `centrado', equilibrado, moderado."'

`Uma cidade deve funcionar como fonte de ensinamento que conduz a uma vida `centrada'. "Expondo-nos" aos outros, aprendemos a avaliar o que é importante e o que o não é.
Para os gregos, para uma pessoa ser equilibrada tinha de actuar, para além de observar. O resultado da preocupação acerca do que se vê e o desejo de fazer algo. Os gregos chamaram a esse desejo *`poiesis"* (ver nota de trad.) de onde deriva a palavra poesia; mas a palavra tinha um sentido mais vasto. A pessoa equilibrada tem vontade de fazer um discurso, de fazer amor, lutar, assim como escrever um poema. Tudo isto com as mesmas qualidades de equilíbrio, graça e criatividade. Enquanto resultado de um envolvimento- pessoal na feitura cuidadosa das coisas, *sophrosyne e poiesis* estavam intimamente relacionadas. Se ` a, cidade é um trabalho, em parte, de arte' o impulso criativo que lhe está subjacente parece fazer sentido (estar correcto).

Preocuparmo-nos com aquilo que vemos no mundo conduz à mobilização dos poderes criativos de cada um.

Na cidade moderna, estes poderes criativos devem tomar uma forma particular e humana, levando as pessoas a virarem-se para o exterior. A nossa cultura precisa de uma arte que a ensine a voltar-se para fora, a expór-se esta `arte' não fará de nós

vítimas uns dos outros, pelo contrário tornar-nos-á seres humanos equilibrados, capazes de competir em igualdade de condições e aprender a complexidade.

(Tradução de Maria Magos Jorge)